

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DE SALAMANCA A LA VID.

MORAN, César

Ano: 1947 | Número: 57

Como citar este documento:

MORAN, César, De Salamanca a La Vid. *Revista de Guimarães*, 57 (3-4) Jul.-Dez. 1947, p. 165-182.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

De Salamanca a La Vid (*)

Após 30 anos de residência em Salamanca, durante os quais procurei ser um bom salmantino, sem nunca o ter conseguido, deixo silenciosamente a cidade do Tormes, posto que ela, tão presa ao meu coração, não queira por sua vez deixar-me. Parto hoje para um lugar de encantador isolamento que se chama Colégio de La Vid, situado nas margens do Douro, na província de Burgos, confins de Sória e Segóvia, enquanto se não recompõe o Colégio de Madrid, destruído em parte pelos infortúnios da guerra.

Ao contemplar da janela da carruagem, acaso pela última vez, as torres de Salamanca, todos os lugares da Província me afluem à memória e se agitam no meu íntimo. Somos velhos conhecidos, e uma funda simpatia nos liga com invisíveis laços. A' medida que o comboio avança, vou descobrindo horizontes e localidades que inúmeras vezes percorri para estudar o seu passado. Aqui, a nosso lado, fica o horto de Frei Luís de León; mais além Castañeda com seus mosaicos romanos; terra de Alba, que o mesmo é dizer terra de Santa Teresa; o castelo de Santa Cruz e Albergón de Las Veguillas; a Peña de Francia, e, nas suas faldas, o Cavaco, onde existem umas escavações gigantescas realizadas nos alvares da história.

Ali fica Moriscos e a oficina onde o bom Eugénio Blanco criava, como se fora um artista da Renascença,

(*) Este interessante artigo que, por amável deferência, o seu autor, Rev. P.^c César Morán, nos enviou, e hoje publicamos em português nas páginas desta Revista, constituiu assunto de uma Conferência há anos pronunciada pelo ilustre Arqueólogo, no Museu de Antropologia de Madrid (*Nota da Redacção*).

aquelas magistrais obras de arte popular, encanto de quem as possa contemplar. No meu pensamento desfilam, em confuso tropel, dólmenes, castros, inscrições, legendas, com todos os monumentos dos homens de antanho. Além, aparece La Vellés com sua *Antigua*, que foi um castro hoje convertido em cemitério; a seu lado passa a calçada de Toro, atalho que evita a volta por Zamora, de Salamanca a Toro. Paralela à linha férrea segue a calçada de Salamanca a Medina; em oito horas, a cavalo, cobriu el-rei D. Fernando o Católico a distância entre as duas povoações, para cortar o passo ao Senhor de Monleón, D. Rodrigo Maldonado. Aquelas casas que além vemos, à nossa esquerda, são Mollorido, a que hoje chamam a Carolina: é a terra natal de Diego Cortado, o Cortadillo, personagem de Cervantes. Ainda hoje por ali é frequente esse apelido. O magnífico cedro que ornamenta o pátio da Universidade, a árvore das *cabaças*, foi transplantado de Mollorido. Cantalapiedra, cidade outrora murada, e com possante castelo, do qual resta a igreja e a Virgem del Castillo, defendeu com vigor a causa da Beltraneja. E' hoje um abastado povo de lavradores, o último da Província. Adeus, Salamanca!

Entramos na Província de Valladolid pela povoação chamada Carpio, nome do famoso personagem do século IX, que deixou assinalada a sua memória, não só aqui, mas em Roncesvalles, no Castelo de Luna (León), em Alba (Salamanca), e em muitos outros lugares da Pátria, ressurgente depois de Guadalete.

Mais além, o castelo da Mota, em Medina del Campo, com sua alta e poderosa torre a espreitar-nos. Os panos da muralha do lado nascente e sul são substituídos pelos muros da povoação primitiva, que se ergueu na Mota, ou seja na elevação a nascente da moderna cidade; o resto da muralha que rodeava a colina vai desaparecendo.

Através de férteis campos onde prospera a agricultura cruzamos o Douro, que nesta altura se esconde, se enrosca e humilha, talvez por desdenhar do título de caudaloso, e, dentro em pouco, por entre olorosos pinheirais, chegamos a Valladolid.

Nas vizinhanças encontra-se o outeiro de S. Cris-tóvão, e muitos outros da mesma altura se levantam à

esquerda do Pisuerga, bem como a um e outro lado do Douro. Vamos observando estes últimos, do comboio, que nos conduz pela linha de Ariza. Essas alturas, os cumes desses montes que se apresentam do mesmo nível, constituem o fundo de um antigo mar terciário que, ao retrair-se, deixou o mioceno a descoberto. O desnível existente entre esta linha de alturas e o leito do Douro foi provocado pela erosão, fabulosas quantidades de terras que o rio arrastou até o mar. Aos lados do nosso trajecto correm extensas veigas de terreno diluvial. Tal é, de Valladolid a San Esteban de Gormaz, o aspecto geológico do solo.

O que logo nos surpreendeu, na primeira parte desta viagem, foi ver, na povoação de Laguna, a lagoa cheia de água. Assim a víramos há 40 anos; mais tarde, encontrámo-la seca, com seu fundo esbranquiçado a destacar-se no meio da planície. Hoje aparece-nos de novo a trasbordar, como outrora. Após o ano de mil...

Lá vai o canal do Douro, para abastecer a cidade de Valladolid. Quando tem de atravessar um vale, em vez de seguir em aquedutos, como aqueles que os Romanos levantaram, entra num tubo de ferro, o que simplifica o trabalho.

Seguimos veiga acima, em sentido oposto à corrente do rio. A erosão formou, nos extremos da planície, outeiros e colinas de caprichoso recorte; por vezes parecem barcos invertidos; outras, assemelham-se a pirâmides; em algumas delas existiram castros. A velocidade do comboio não nos permite demorar a atenção, e passamos sem reparar em muitas coisas que deixamos a nosso lado. Pinheiros de utilização diversa adornam a campina, e por vezes sobem até aos cumes. Digo de utilização diversa porque, enquanto a uns estão presas pequenas malgas de barro e mostram uma ferida no tronco por onde sangra a resina, outros, posto que do mesmo aspecto, não apresentam aquela característica: são pinheiros para madeira; outros, finalmente, de tronco liso e erecto como uma coluna, estão enfeitados de uma copa graciosa e esbelta, que inspirou à poesia popular a metáfora «eres alta como um pino...» As vinhas, com seus verdes pâmpanos e suas nascenças esperançosas, constituem outro ele-

mento de beleza e de alegria. Prados, hortas, gados, lavradores, tudo a seu modo está proclamando a ordem e a paz que neste momento disfrutamos, por mercê de Deus. Densas e frondosas alamedas enfeitam as margens do Douro, bebendo suas linfas e projectando benéfica sombra sobre a mansa corrente, que passa majestosa como uma divindade antiga.

A' beira do caminho surge, de repente, quando menos esperávamos, um antigo mosteiro, uma abadia solitária, como essas de que nos falamos os livros, asilo, outrora, de instrução integral, de trabalho silencioso, de contínua oração. Lá está a igreja, a torre, as janelas das celas. Parece ouvir-se o canto solene do coro, ou vemos um frade debruçado, desenhando miniaturas num códice, ou presenciarmos a marcha pausada dos monges, saindo para receberem o abade que chega de viagem, montado na sua mula. Mas tudo é sonho, ilusão. A baixa política do século XIX extinguiu quase todas as abadias espanholas, hoje transformadas em quartéis, institutos, prisões, casas de aluguel ou fábricas, tal como sucedeu a este mosteiro que súbitamente encontramos.

Aqui desce o rio Duratón, juntando suas águas às do Douro. A seu lado, sobre uma das lombas a que atrás nos referimos, ergue-se o castelo de Peñafiel, vigia do horizonte, com suas muralhas, cubos, ameias e torre de menagem. E' comprido e estreito, por haver de adaptar-se ao terreno que lhe oferecia a colina; e, com sua pedra branca, como que recém-lavrada, parece acabado de construir. A povoação, aconchegada na base, parece dominada, ou antes protegida pelo gigante da altura. A Peñafiel se enlaçam altas figuras da história, entre as quais sobressaem: o conquistador da praça, Conde Sancho Garcia; Afonso X, o Sábio, que lhe concedeu foros e privilégios; o infante D. Juan Manuel, senhor da vila e do seu alfoz, autor do *Conde Lucanor*; D. Fernando de Antequera, que mais tarde foi seu possuidor, e D. Fra-dique de Castro, duque de Arjona e conde de Trastamara, que morreu prisioneiro no castelo. Já não ressoam os clarins de guerra, nem rangem as pontes levadiças, nem brilha o Sol em refulgentes armaduras. A solidão e o silêncio são hoje os únicos habitantes do lugar.

A' direita do Douro e a pequena distância de Peñafiel, fica Curiel de los Ajos com seu castelo no alto, restos de muralha e um palácio-fortaleza junto à colina. Pertenceu algum tempo à Casa ducal de Béjar. Aqui esteve preso o marinheiro inglês Pembroke, vencido nas águas de La Rochelle pelo almirante de Castela Ambrósio Bocanegra, quando Castela protegia a França contra os ingleses, seus inimigos.

Depois de Hoyales, com seu castelo, aparece-nos Castrillo de Duero, pátria do *Empecinado*, guerrilheiro famoso; e a seguir Roa, a antiga *Rauda*, mansão pertencente a uma velha calçada, que ia de Astorga a Saragoça. Foi cercada de fortes muros, como a maior parte das povoações desta terra. Conserva restos do palácio onde morreu o cardeal Cisneros. E' notável o coro da igreja de Santa Maria, outrora Colegiada. O escudo de Roa ostenta um leiteiro que diz: *Quien bien quiere a Beltrán, bien quiere a su can*. E assim passamos, de Valladolid a Burgos, sem dar por tal.

Agora a veiga divide-se em duas, a do Douro e a de Riaza, ambas fertilizadas cada qual por seus canais de rega. Seguimos pela ribeira do Douro, que serviu durante muito tempo de fronteira entre mouros e cristãos, razão da existência dos castelos que vamos vendo, e continuaremos a ver. Airosas filas de choupos marcam o traçado dos canais. Atravessamos campos de doirado trigo. O Douro, apertado em seu profundo leito, arrasta as preguiçosas ondas até ao mar do Ocidente. Ali fica Ventosilla, famosa quinta modelo, acerca da qual se poderia escrever um volumoso livro. Villalba, o povo de Villalba, alcandorado lá no alto; mal o Sol nasce, logo lhe bate em cheio; por isso os Villalbenses dizem que andam um século adiante dos outros povoados onde o amanhecer é mais tardio.

Aranda de Duero, cabeça de comarca, pátria de varões ilustres, parece inseparável da Virgem de las Viñas. E' notável pela Igreja de Santa Maria, de fachada gótica e ornamentações renascentistas. Em Fresnillo existe a fonte de S. Pedro de Osma, patrono da diocese. Rubras papoilas embelezam os campos, posto que os lavradores as achem pouco graciosas.

Atravessamos o Douro em Vadocondes, que foi vila murada, restando ainda em pé a Porta Nova e a

de Burgos. Existe ali uma grande igreja, um pelourinho, um poço artesiano e uma passagem subterrânea que, partindo de uma adega, vai, segundo dizem, desembocar a dois quilómetros de distância.

Através dos pinhais de S. João aproximamo-nos de La Vid. O esbelto campanário, a pujante cúpula de oito faces e a grande mole do mosteiro assomam por cima das espessas alamedas. A fundação deste solitário cenóbio data do século XII, do tempo de Afonso VII, o Imperador; inicialmente foi erguido à direita do Douro, no Monte Sacro, mas pouco depois transferido para a margem esquerda, onde hoje se encontra. Os Premonstratenses ocuparam-no até 1834, estando actualmente na posse dos Agostinhos, desde 1864. A parte mais antiga do edifício é o arco da entrada exterior, de construção românica, abatido, com modilhões na cornija, tudo bastante abafado pela elevação do terreno. O arco ogival que dá entrada para o panteão, revela já as transformações levadas a cabo por Sancho IV, por volta de 1288. No século XVI foi construída a capela-mor, à qual se adaptou mais tarde o corpo da igreja, irmanando-se os estilos e surgindo então uma magnífica igreja gótica, de três naves, espaçosa e esbelta. A cúpula oitavada está erguida sobre suportes em forma de concha, e o altar-mor, incrustado na ábside, remata por uma concha colossal com a charneira assente no fecho do arco. As altas janelas, divididas por graciosos colunelos, ostentam preciosos vitrais policromos, contendo os brasões do Cardeal D. Iñigo Lopez de Mendoza e do Conde de Miranda, D. Francisco Zúñiga y Avellaneda, que jazem aos lados do altar-mor, como benfeitores da casa. Da mesma época, século XVI, parece ser também, a galeria baixa, de arquitectura gótica, com florões de pedra de caprichosos labores. Nessa data atingiu o convento a magnificência que hoje ostenta.

A escada nobre, de ousada arcaria, a galeria alta com colunas decorativas, a singela fachada, bem como o corpo da igreja e o campanário, tudo isso pertence já ao século XVIII.

No altar-mor está a Virgen de La Vid, de pedra policromada, sentada em seu trono, com o Menino sobre o joelho esquerdo e o dragão a seus pés. Tipo

gótico do século XIII. O aspecto é gracioso e cheio de majestade. O retábulo compõe-se de cinco pinturas, de sabor italiano, representando os mistérios gozosos. Efectivamente foram executadas em Nápoles pelos pintores Fabriciano Santa Fé e Jerónimo Napolitano, cerca de 1592, por ordem de D. Juan de Zúñiga, Conde de Miranda e Vice-rei de Nápoles.

E' notável o coro, a gradaria e os púlpitos, dignos de uma catedral, bem como a biblioteca, rica em livros de Teologia.

Em frente ao Colégio ergue-se o pelourinho da vila, hoje constituída por este edifício e por mais três casas e dois lugarejos anexos, Guma e Zuzones, que já são mencionados em documentos do século XII. Hortas e terras de cultivo espraíam-se em frente ao convento, e, ao longe, recortam-se os montes confinantes com a Província de Segóvia; pelo lado de trás crescem densas alamedas e corre o caudaloso Douro, aqui atravessado por uma magnífica ponte de dez arcos, pela qual passa a estrada de Valladolid a Sória.

Em La Vid, afastada do ruído mundano, para uma tranquilidade encantadora, convidando ao retiro ascético, ao estudo dos problemas filosóficos e das verdades eternas. Daqui saíram o P.^e Câmara e o P.^e Valdés, bispos salmantinos, e todos os religiosos que passaram pelo Colégio de Calatrava, em Salamanca, pois neste lugar estudam os agostinhos a Teologia e fazem os últimos cursos da sua carreira, derivando em seguida para os colégios, para as missões, a correr mundo.

Depois de 33 anos de ausência, volto assim aos antigos lares, onde as recordações da juventude se me avivam na memória.

Arredores da La Vid

Apassionado pelas investigações arqueológicas, comecei a percorrer estes arredores, tal como fazia em Salamanca. Vim a saber que, a menos de um quilómetro para montante do rio, existe um lugar chamado *Escorial*, palavra que, segundo criteriosas eti-

mologias interpretadas pelo meu querido Mecenas D. João Muñoz, de Béjar, significa — o povo. *Escorial*, ou *escoria*, *es coria*, formou-se de duas palavras ibéricas, investigadas através do vasconço: a primeira, *es*, traduz o artigo definido — o, a, os, as; a segunda, *coria*, quer dizer — povo. Em La Coruña, uma das formas da palavra *coria*, encontramos o artigo vertido para espanhol, como se disséssemos — a povoação, o povo.

Aquele lugar, assim indicado *a priori* pela palavra *escorial*, é um autêntico povoado ibérico, um castro,

que inúmeras vezes eu tinha contemplado, na minha mocidade, sem nunca supor que se tratasse de qualquer outra coisa que não fosse uma simples terra de cultura. Está colocado num alto, à margem do Douro, defendido por vales profundos (Valdecastro) e por diferenças de nível que lhe facultam uma posição deveras vantajosa. A única obra artificial que tiveram de fazer para completar a sua defesa foram três pequenos fossos, e, no meio deles, uma elevação circular, espécie de torreão para interceptar o terreno que, nesse ponto, fica ao mesmo nível do castro.

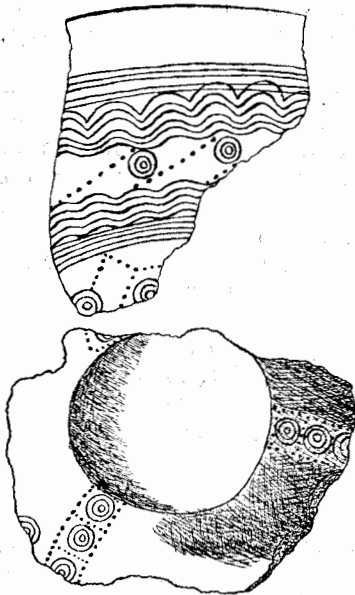


Fig. 1

No interior, que se encontra cultivado, afloram fragmentos de cerâmica tipicamente ibérica, negros, brancos, de superfície brunida, e outros cor de sépia, com semi-círculos pintados a preto sobre uma linha horizontal. Fazendo parte de um mesmo vaso, acharam-se dois fragmentos (vide fig. 1) que dão as medidas da base e da altura, bem como a sua forma ge-

ral (fig. 2); um destes fragmentos contém a base, de forma côncava; o outro mostra uma decoração de linhas onduladas, de rectas paralelas, de linhas de pontos e de círculos concêntricos. Estes últimos foram estampados com matriz, sobre a pasta mole, como se verifica pelas marcas de impressão. O bordo é vertical, sem a menor elegância de linhas. Por ter sido cozido ao fogo, ao ar livre, apresenta um tom pardacento em certos pontos, e noutros está enegrecido como carvão. Nota-se imediatamente o trabalho ao torno.

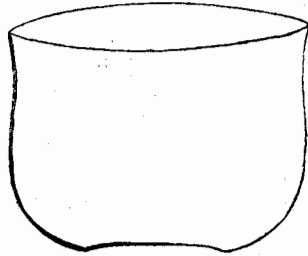


Fig. 2

Apareceram fusáioias de forma cônica e lenticular; pedras arredondadas artificialmente, talvez para servirem de projecteis; fragmentos de facas de sílex, alguns serrilhados; grande quantidade de mós de diversas formas; fragmentos de barro com aspecto de adobes, cozidos e duros, cor da terra, mas que não podem classificar-se de tejos.

Os habitantes de Zuzones, que há 40 anos cultivavam este terreno dizem ter ali encontrado espadas, que já não conservam.

Nada revela porém a cultura romana.

E' portanto este *escorial* um castro dos Arévacos, não romanizado, que deixou de existir na ocasião das guerras de Numância, pouco mais ou menos.

A necrópole deste povoado deve ser procurada a sul do Castro, nas alturas situadas entre o Vale de la Virgen e o caminho que conduz de La Vid a Castillejo. Por ali se vêem muitos amontoados de terra, mamoads, túmulos, no meio do terreno inculto. Supo-nho serem sepulturas dos Arévacos, construídas em obediência a uma tradição ritual, semelhantes aos dólmenes.

Entre o Castro que acabámos de descrever e a levada do moinho, existe, quase junto desta e a pequena distância da sua saída do Douro, uma pequena mota, mamoa, *teriñuelo*, ou montão circular de terra

que, se estivéssemos em terras de Salamanca, teríamos de baptizar com o nome de dólmen, sem receio de equívoco; aqui, na província de Burgos, onde os dólmenes são desconhecidos, o caso é diferente; só uma exploração poderá dizer a última palavra. Não se vêem, é certo, grandes pedras, mas em compensação existem duas covas que podem constituir a prova de que elas foram dali arrancadas, como tem acontecido em muitos outros pontos, onde os dólmenes têm servido de pedreira.

Onde se encontra um verdadeiro dólmen, posto que bastante desfigurado, devido ao desalinho das pedras, é no lado sul do Colégio, em meio do monte, junto do sítio chamado o Curral dos Frades, que confronta com a esquina N. E. Nota-se logo o túmulo, formado por uma terra diferente da que existe *in situ*, terra ali acumulada, cujo volume vai aumentando da periferia para o centro, e medindo 25 metros de diâmetro. No meio, estão grandes pedras tombadas, algumas delas fora do seu lugar. Apesar dessa dispersão, ainda se distingue a galeria, de 5^m,90 de comprimento por 0^m,86 de largura, com quatro pedras de um dos lados e três do outro. Há séculos, quando foram construídas as paredes do curral a que aludimos, e a um dos cantos ergueram uma cabana com cobertura em falsa cúpula, devia este dólmen ter sofrido os maus tratos que hoje mostra. Mas, felizmente, não revela sinais de profanação, isto é, de ter sido saqueado. Para ali se encontra, esperando que a mão do arqueólogo recolha os restos das oferendas que um dia lá foram colocadas para os mortos.

Tradições de La Vid

Já nos referimos ao Vale de la Virgen, assim chamado devido a uma ermida consagrada a Nossa Senhora, que, segundo a tradição, apareceu a Afonso VII sobre uma videira, nestas proximidades, limite de Burgos com a Província de Sória. Parece que estava acompanhada de dois anjos.

No interior de uma gruta voltada a norte foi cons-

truída, debaixo de um gigantesco penedo, uma capela que chegou até nossos dias. Tem no centro um forte esteio de granito, para segurar o penedo. Uma parede tapa a abertura da gruta que comunica com o exterior apenas por uma porta e duas janelas, com fórnices na parte superior. No interior notam-se alicerces de paredes divisórias, e ainda se vêem os poiais de pedra para assento dos fiéis assistentes. Ao centro de um retábulo de calcário estava esculpida a imagem da Virgem, ladeada por dois santos espanhóis, Santo Isidro Lavrador e Santa Maria de la Cabeza. Contígua à ermida havia outra habitação, também subterrânea, que comunicava com o santuário e com o exterior, e desempenhava o papel de sacristia. A curta distância da gruta encontra-se, desmoronada, a casa do capelão, e um pouco mais além existe uma formosa e abundante fonte, a Fonte da Virgem. Em baixo, no vale, estão ainda em pé as paredes de uma casa que foi residência de alguns frades velhos ou enfermos. Naquela solidão, longe de toda a convivência humana, no segredo dos montes, nas entranhas da terra, teve culto a imagem de Maria, durante séculos, até 1815. Já antes ela tinha sido deslocada para Zuzones, com receio aos vandalismos dos franceses, durante a invasão. Mas como naquela data os moradores de Castillejos arroteassem as elevações sobranceiras à gruta, as chuvas torrenciais começaram a desprender grandes quantidades de terra e pedras, que vinham cair precisamente diante da ermida. A humidade, ali normalmente grande, aumentou e o penhasco ameaçava ruir. Cessaram então as funções da gruta, e trasladou-se a imagem para a capela do Hospital de La Vid, que existiu ao lado do Convento, até que, ficando o Hospital em ruínas, foi transferida para o altar que hoje ocupa na igreja, do lado direito do transepto.

A imagem figura sentada, com o Menino sobre o joelho esquerdo. É de madeira pintada, com o vestido talhado e policromado na própria madeira; apesar disso, a piedade dos fiéis leva-os a vesti-la com outras roupagens e mantos de pano, talvez por compaixão, convencidos de que, durante o Inverno, ela possa ter frio. Esta imagem foi, e é, venerada com o

nome de Conceição do Monte, cuja confraria tem estatutos aprovados pelo Bispo. A capela do monte e as casas que junto dela se edificaram vão, a pouco e pouco, caindo por terra, ao abandono. Tanto o vale como a fonte e a ermida conservam, porém, o sobrenome *da Virgem*.

Subsiste ainda hoje a tradição de que S. Domingos de Gusmão foi menino de coro neste Convento de La Vid, e tudo leva a crê-lo. A sua terra natal, Caleruega, fica perto, e seus pais, que aos seis anos o mandaram a Gumiel de Hizán com um parente, muito bem poderiam tê-lo feito aprender categorias ou humanidades com os Premonstratenses de La Vid, a fim de mais tarde ir assistir às aulas da Universidade de Palência. Entre os antigos objectos de culto do Convento há um estandarte com a imagem do Santo. No transepto da igreja, do lado da Epístola, em frente à Virgem del Monte, fica o altar do Santo, cuja imagem representa um jovem vestido de cônego regular, de hábito branco, muito semelhante ao que o Santo fundador instituiu para a sua Ordem. Os Premonstratenses professavam a regra de Santo Agostinho, e foi essa mesma regra, que S. Domingos já de antemão conhecia, a que ele impôs às suas fundações. Existe, além disso, numa galeria do Convento, um quadro antigo com a seguinte legenda na parte inferior: «Retrato del Il.^{mo} Sr. D. Juan de Agoncillo, natural de la Ziudad de Viana, canónigo regular de este convento de La Vid y Obispo de Calahorra, tuvo el honor de ser Maestro de Santo Domingo de Guzman, quando se educó el santo en este convento.» Posto que este D. Juan tivesse sido o mestre do Santo, o encarregado da sua educação foi um tio materno, Domingos Garcia de Aza, premonstratense em La Vid, e irmão do arcepreste de Gumiel.

E' agradável viver onde viveram os santos. E, se bem que a santidade se não pegue nem herde, deixa-se admirar de perto e parece que o seu contacto nos anima e conforta. Porque tudo neste mundo se desvanece e passa qual sombra fugaz, menos o rasto luminoso que os santos traçaram através dos caminhos da vida, para brilhar eternamente no Céu.

Foi esta a época e este o país dos santos chamados Domingos. A mãe de S. Domingos de Gusmão visitou S. Domingos de Silos para que lhe explicasse aquele sonho misterioso que ela havia tido, segundo o qual daria à luz um cachorro que havia de chegar fogo ao mundo. Era o fogo da caridade. S. Domingos da Calçada foi visitado por S. Domingos de Silos quando ambos se entregaram ao afã de salvar as suas almas e as do próximo.

Excursões em La Vid

Castillejo de Robledo é, pela banda de S. E., o primeiro povo que se encontra na provincia de Sória, antigamente chamado *Castellion*, como se depreende de uma carta de Afonso VIII (ano de 1168) pela qual concede ao mosteiro de La Vid «*unan uillam que dicitur Guman inter Uado de comdes et Sozuar et inter penna de aranda et Castellion*».

Logo à entrada da povoação fica a ermida dos Mártires, S. Cayo y Hermolao, hoje abandonada. E' de traça românica, com arco de duas arquivoltas, uma delas com decoração em xadrez, e a outra, a imitar um cordão ou torso, fazendo lembrar o estilo visigodo. No interior da ermida, ao fundo, na parte a que poderíamos chamar o retábulo do altar-mor, ao desprender-se uma camada de cal, ficaram a descoberto pinturas que confirmam a época românica: uma cruz ao centro, uma Virgem de grandes proporções, sentada e com o Menino no regaço; um santo com auréola, anjos, animais e outras figuras de indiscutível interesse artístico.

Esta capela está voltada ao norte; é pequena e foi destinada a enterramentos. A parte que contém as figuras é coberta por uma abóbada; a restante está exposta ao tempo, por lhe ter caído o tecto.

A igreja paroquial é também românica, de uma só nave, com ábside circular guarnecida de colunas e janelas em forma de seteiras, e com típicos e caprichosos modilhões na cornija. Interiormente perdeu já todo o carácter. Ao abrirem uma janela para receber

mais luz, visto a igreja ser muito escura, apareceram pinturas na superfície primitiva, debaixo de umas poucas de camadas de cal sobrepostas. No pequeno espaço que ficou a descoberto vêem-se umas mulheres vestidas à época (séculos XI-XII) e uns homens de aspecto feroz. Está ali talvez representada a cena do Poema do Cid em que os Infantes de Carrión açoitam as suas próprias mulheres, em *Robredo de Corpes*, como vingança da afronta sofrida por eles serem cobardes. Esta cena teve lugar a um dia de viagem de Santo Estevão de Gormaz, ou seja por estes montes.

Dominando a povoação, ou antes, protegendo-a, existe um velho castelo desmantelado, recordação das constantes lutas contra os mouros, fortaleza que certamente deu o nome ao lugar, Castillejo, e ao antigo topónimo Castellion. Numa habitação moderna copiarão os modilhões da igreja, e estamparam este letreiro: *«La verdad será perseguida, pero no vencida.»*

Langa de Duero, está à direita do rio, que neste lugar é atravessado por uma soberba ponte, hoje ligando o caminho entre esta povoação e Castillejo. Pertence Langa à província de Sória e estende-se para um e outro lado da estrada que une Sória a Valladolid. No alto há um castelo, mais parecendo uma torre de atalaia, pois não se vêem junto dele sinais de qualquer outra edificação. Um pouco mais abaixo, mas ainda em sítio alto, está a igreja. Avista-se dali uma lomba de terreno, do lado oposto do Douro, chamada o Alto de San Cristobal, que desperta suspeitas a qualquer arqueólogo. Não resta dúvida, pensei eu: é um castro como os seus congéneres de Salamanca. E, quando mais tarde procurei informar-me, disseram-me que, de facto, havia por ali andado um senhor a fazer escavações. Foi D. Blas Taracena Aguirre, autor das Memórias n.ºs 103 e 119 da Junta Superior de Escavações, nas quais descreve as habitações e o espólio de objectos de pedra, bronze e ferro que lá encontrou.

Ao longe, na linha do horizonte, avista-se um *teriñuelo*, uma pequena elevação chamada Altillo de la Gaitera. Quis observá-lo de perto, para ver se se

tratava de algum dólmen, o que de longe me parecia. Após uma custosa e prolongada subida, bem digna de resultado mais compensador, convenci-me de que aquilo não passava de um relevo natural do terreno. O arqueólogo assemelha-se ao caçador. Quando julga que a perdiz já está na bolsa, de novo ela levanta voo.

Peñaranda de Duero fica ao Norte de La Vid, nas margens do rio Arandilla. Possui um velho castelo, comprido e esguio, que se ergue sobre uma lombada a N. W. da vila. Está lamentavelmente abandonado, como quase todos, quando podiam ser lugares de atracção turística, evocadores de recordações passadas. A muralha, as torres, os cubos pujantes são uma espécie de corpos sem alma.

Uma moradia sumptuosa, do século XVI e de estilo plateresco, comparável aos melhores palácios salmantinos, é o palácio dos Condes de Miranda. A frontaria é esplêndida, decorada com bustos romanos provenientes certamente de Clúnia. A escadaria nobre, o grande pátio com colunas, arcos e medallhões, as amplas e faustosas salas com frisos, molduras e artoeados mudéjares, tudo revela o gosto prócero de um magnate dos tempos imperiais. É uma morada espanhola desta ordem, verdadeira maravilha de arte, está caindo aos bocados! Foram senhores de Peñaranda, aos quais também pertenceu o castelo, o Cardeal D. Iñigo López de Mendoza e seu irmão o conde D. Francisco de Zúñiga y Avellaneda, atrás citados como benfeitores do Convento de La Vid.

Na fachada da igreja paroquial, que se deve igualmente aos Condes de Miranda, há dois bustos de personagens romanos procedentes de Clúnia; antigamente tinha três, formando um gracioso triângulo; um deles veio abaixo.

Peñaranda foi cercada de muralhas, restando ainda hoje alguns lanços; conserva o seu pelourinho gótico; possui um convento de religiosos Passionistas e outro de freiras Concepcionistas. É uma povoação de lavradores.

Coruña del Conde. Partindo de Peñaranda e seguindo a margem esquerda do rio Arandilla, che-

ga-se à povoação igualmente chamada Arandilla. Esse rio nasce em Huerta de Rey, junto à ermida da Virgem de Arandilla, e desagua no Douro, em Aranda. Ignoramos se tais denominações derivaram da do rio, ou se foi o rio que a tomou de algum de aqueles lugares. Mais além encontra-se *Coruña*, alteração de Clúnia, cidade que existiu nas imediações e desapareceu com a invasão dos Bárbaros; *Coruña del Conde*, do Conde de Miranda, senhor desta parte do vale. A primeira coisa digna de nota que se encontra nas imediações é a ermida do Santo Cristo de S. Sebastian, de fábrica romana, edificada com materiais trazidos da antiga cidade de Clúnia, estelas, festões, fustes de colunas. Os modilhões da cornija, muito maltratados, são já tipicamente românicos. Duas pontes de pedra dão passagem sobre o Arandilla. No alto fica o castelo, já desmantelado, mostrando ainda ter sido muito poderoso. Em 1466, Henrique IV fez concessão dele a Lorenzo Suárez de Figueroa, filho do Marquês de Santillana. Em quase todas as casas há inscrições romanas; umas legíveis, outras tão maltratadas pelo tempo, que nem aquele que as gravou as entenderia hoje. São todas procedentes do vizinho solar de Clúnia, e todas elas figuram no *Corpus I. L.*

Pelo terreno onde assentou a antiga povoação de Clúnia sulca hoje com indiferença o arado. Estava a cidade colocada num alto morro, como aqueles que observamos Douro acima, desde Valladolid. Começou certamente por ser um castro dos Arévacos, dos quais os Pelendones estavam independentes. Com a queda de Numância todos estes castros e cidades da região se submeteram a Roma, sendo uns destruídos e outros romanizados, entre os quais Clúnia, que chegou a ter, dizem os autores, cerca de 60.000 habitantes. Era mansão de uma calçada que ia de Astúrica Augusta (Astorga) a Caesar Augusta (Saragoça). Esse caminho passava em Roa e Aranda, e, pelo vale de Arandilla, dirigia-se a Clúnia, Osma e Numância, para terminar em Saragoça. No velho solar de Clúnia, perto da ermida e ao lado de um estreito caminho rústico, vemos troços de miliários, já sem letras.

Foi Clúnia um Convento jurídico, espécie de circunscrição judicial onde os magistrados romanos admi-

nistravam justiça aos habitantes de um extenso território, limitado a norte pelo Cantábrico, a sul pela jurisdição de Cartagena, a nascente pela de Saragoça e a poente pela de Astorga.

Aqui foi proclamado imperador Sérvio Sulpício Galba, sucessor de Nero, acontecimento que, em Cartago Nova, uma *fatidica puella* lhe havia profetizado.

O único edifício que ainda ali existe é a ermida da Virgen del Castro, cristianização de algum antigo templo, talvez inúmeras vezes derruído e outras tantas levantado pela piedade dos fiéis. Sob a ermida, alpendre e casa anexa há cisternas antigas cheias de água. Na frente encontra-se a escavação realizada ultimamente por D. Blas Taracena, que pôs a descoberto as ruínas de uma esplêndida mansão greco-romana, com mosaicos, pátios, colunas e alicerces, tudo do maior interesse científico.

De onde a onde, surge uma parede isolada, como que triunfando do tempo; mais além uma elevação de terreno mostra que por baixo estão as paredes de qualquer edifício que o arado tarda em nivelar. Dizem que uma dessas elevações era a casa onde se cunhava a moeda. As moedas primitivas contêm o nome *Clounioq* ou *Clouniocu*, a mais antiga designação da cidade. Nas imperiais lê-se já *Clvnia*, e, a partir de Galba, que ficou grato a este Município, passaram a ostentar a legenda *Hispania Clvnia Sulpicia*.

Telhas, ladrilhos e fragmentos de cerâmica afloram por toda a parte. A solidão e o silêncio são impressionantes.

Na parte do nascente, no declive de terreno que circunda o castro, aproveitando o semi-círculo de um pequeno vale, foram construídos os degraus do teatro, vendo-se os doze superiores, talhados na rocha viva. Os inferiores e a *oschestra* estão hoje convertidos em horta, regada por uma fonte que brota a cerca do meio da escadaria. Dos lados vêem-se os restos das clássicas dependências de um teatro. Vedando o monumento na parte inferior, foi posto a descoberto um espesso muro de seixos e argamassa, já com muitas fendas provocadas pela acção destruidora do tempo. E' o que hoje resta dessa jóia deslumbrante.

Peñalva de Castro está situada na falda do monte, do lado nascente, muito próxima do teatro, e quase toda construída com materiais procedentes da velha Clúnia. Mármore, colunas, baixos-relevos, inscrições, capitéis, silhares perdidos na ruína da grande cidade, recuperaram aqui nova vida, para alguma coisa servindo, com a vantagem de atraírem a atenção de quem passa. Na casa de Jerónimo Peñalva, incrustadas na parede, vêem-se várias peças de uma colossal estátua granítica, de Octávio César Augusto, vestido de guerreiro, tal como a existente no museu do Vaticano. Os habitantes de Peñalva encontram frequentemente objectos artísticos, que vendem aos interessados; a mim, por exemplo, mostraram-me dois camaféus e um anel de ouro, e falaram-me de outros achados.

Ao terminarem estes dias de folga, acabam igualmente as minhas divagações, a que poderíamos chamar campestres. Vai começar o curso com a sua disciplina e sujeição natural. Forçoso se torna abandonar os amenos campos, as alegres digressões, os atraentes affectos, e mudar de vida, limitando-nos à cátedra que nos espera. E então não haverá lugar para desculpas, porque

al toque de la campana
vendreis exacto y cumplido
de buena o de mala gana.

P.^e CÉSAR MORÁN

Agostinho.